

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM PORTUGUÊS E INGLÊS

O ETARISMO, A IDENTIDADE SOCIAL DA MULHER MADURA: narrativas de
discentes dos cursos de licenciaturas do Instituto Federal do Amapá – *Campus Macapá*

MACAPÁ

2025

ANA CLAUDIA DE MIRANDA TORRES PEREIRA

O ETARISMO, A IDENTIDADE SOCIAL DA MULHER MADURA: narrativas de discentes dos cursos de licenciaturas do Instituto Federal do Amapá – *Campus Macapá*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso Superior de Licenciatura em Letras Português-Inglês, como requisito avaliativo para obtenção do título de Licenciatura em Letras Português-Inglês.

Orientadora: Prof.^a Me. Suany Rodrigues da Cunha

Coorientadora: Prof.^a Dra. Mábia Nunes Toscano

MACAPÁ

2025

Biblioteca Institucional - IFAP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

- P436e Pereira , Ana Claudia de Miranda Torres
 O etarismo, a identidade social da mulher madura: narrativas de
 discentes dos cursos de licenciaturas do Instituto Federal do Amapá
 Câmpus Macapá / Ana Claudia de Miranda Torres Pereira - Macapá,
 2025.
 46 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Instituto Federal de
 Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Macapá,
 Licenciatura em Letras Português/Inglês, 2025.
- Orientadora: Me.Suany Rodrigues da Cunha.
 Coorientadora: Dra. Mabilia Nunes Toscano.
1. Etarismo. 2. Identidade social . 3. Mulher madura. I. Cunha,
 Me.Suany Rodrigues da , orient. II. Toscano, Dra. Mabilia Nunes, coorient.
 III. Título.
-

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica do IFAP
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANA CLAUDIA DE MIRANDA TORRES PEREIRA

O ETARISMO, A IDENTIDADE SOCIAL DA MULHER MADURA: narrativas de discentes dos cursos de licenciaturas do Instituto Federal do Amapá – Campus Macapá

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso Superior de Licenciatura em Letras Português-Inglês, como requisito avaliativo para obtenção do título de Licenciatura em Letras Português-Inglês.

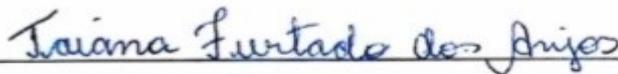
BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Suany Rodrigues da Cunha
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá



Orientador: Dra. Mária Nunes Toscano
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá



Membro 1: Taiana Furtado dos Anjos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá



Membro 2: Adriana Barbosa Ribeiro
Universidade Federal do Amapá

Apresentado em: 17 / 03 / 2025

Conceito/Nota 95.

AGRADECIMENTOS

A Deus todo poderoso pela força e resiliência.

A meu amado esposo, por fazer dos meus sonhos seus sonhos, pelos momentos de ausência e dificuldades que enfrentamos.

Ao meu amado filho, que sempre me socorreu nos momentos de dificuldades.

A minha amada filha, pela compreensão da ausência em datas comemorativas e momentos especiais que deixamos de estar juntas.

A minha querida tia do coração, Maria dos Anjos Pereira, por me incentivar nos momentos em que pensei em desistir.

A minha amiga Evangelina Dias, pela parceria, generosidade e por sempre orar por mim nos momentos difíceis que enfrentei no percurso acadêmico.

A minha amiga Ziran Leon, por caminhar do meu lado e acreditar em nossos trabalhos acadêmicos realizados com muitos esforços.

Especialmente a minha querida orientadora, professora Suany Rodrigues da Cunha, por acreditar nesta pesquisa, pela dedicação, generosidade e ensinamentos que irei levar para o resto da vida.

“Como mulher, você sempre é muito jovem ou muito velha para as coisas, porque a idade perfeita é quando você é homem.”

(Glória Steinem)

RESUMO

Este estudo tem como tema o etarismo, a identidade social da mulher madura. Tem como objetivo geral analisar como o etarismo pode ocorrer no percurso acadêmico da mulher madura e de que forma a identidade social é constituída nos cursos de licenciaturas do Instituto Federal do Amapá IFAP Campus Macapá. Como metodologia optou-se por pesquisa biográfica descritiva exploratória realizada com duas discentes dos cursos de licenciaturas em Letras e Química. Tendo como eixo norteador para a realização de coletas de dados, três perguntas abertas relacionadas à temática da pesquisa, encaminhados por e-mails pessoais combinados previamente com as discentes explicando os objetivos da pesquisa e o sigilo de suas identidades. Os resultados da pesquisa, apontam que se identificou-se em seus relatos que vivenciaram e presenciaram situações estaristas, assim como termos pejorativos relacionados e direcionados a si e a outras colegas mulheres maduras nos seus respectivos cursos de licenciatura. No que diz respeito à identidade social da mulher uma discente relatou que teve que desconstruir sua identidade social para ingressar na instituição de ensino, pois acreditava que o espaço acadêmico não é ideal para mulheres que não concluíram estudo no período regular para a outra discente a identidade social é formada no percurso acadêmico, e que a mulher precisa se libertar da identidade social imposta pela cultura opressora do passado que a impedia de ter identidade social de mulher moderna e empoderada. As acadêmicas confirmaram em seus relatos que há nos cursos de licenciaturas do IFAP, o etarismo e termos pejorativos em desfavor da mulher madura nos cursos de licenciatura. Assim, como alternativa para o combate ao preconceito etário na instituição de ensino, foi proposto adaptação nos currículos dos cursos com literatura que trazem ao debate a temática. Dessa forma conscientizar a comunidade acadêmica e criar ambientes que todos se sintam valorizados e respeitados.

Palavras-chave: etarismo; identidade social; mulher madura.

ABSTRACT

This study has as its theme the ethaismo, the social identity of mature women. Its general objective is to analyze how ethaismo can occur in the academic path of mature women and how social identity is constituted in the undergraduate courses of the Federal Institute of Amapá IFAP Campus Macapá. As a methodology, it was opted for exploratory descriptive biographical research conducted with two students of the undergraduate and chemistry undergraduate courses. Having as a guiding axis for data collection, three open questions related to the research theme, referred by personal emails previously combined with students explaining the research objectives and the confidentiality of their identities. The results of the research show that they identified in their reports that they experienced and witnessed stage situations, as well as related and directed pejorative terms and other mature women in their respective undergraduate courses. With regard to women's social identity a student reported that he had to deconstruct his social identity to enter the educational institution because he believed that the academic space is not ideal for women who did not conclude a study in the regular period for the other student social identity It is formed in the academic path, and that women need to break free from the social identity imposed by the oppressive culture of the past that prevented her from having social identity of modern and empowered woman. The academics confirmed in their reports that there are IFAP undergraduate courses, ethaismo and pejorative terms to the detriment of mature women in undergraduate courses. Thus, as an alternative to combat age prejudice in the educational institution, adaptation was proposed in the curricula of the courses with literature that bring the theme to the theme. In this way to make the academic community aware and create environments that everyone feels valued and respected.

Keywords: ethaismo; social identity; mature woman.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O ETARISMO E IDENTIDADE DA MULHER MADURA E SUAS INTERFACES NA EDUCAÇÃO	12
2.1	O etarismo	12
2.2	Identidade social da mulher madura	15
2.3	Percurso e direitos da mulher madura na educação	19
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
3.1	Caracterização da pesquisa	24
3.2	Lócus	24
3.3	Participantes e critérios de seleção	24
3.4	Instrumentos para coleta de dados e análises dos dados	24
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
4.1	Etarismo no percurso acadêmico	25
4.2	Identidade social da mulher madura discentes do IFAP	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

O etarismo é o preconceito ou discriminação relacionado à idade, aliado a julgamentos sociais e estereótipos, cada vez mais comuns, nas instituições, na mídia e em outros segmentos sociais, em que quase sempre busca ditar a capacidade da pessoa em desenvolver ações como aprender, se adaptar às novas tecnologias, carreira acadêmica e profissional, entre outros em virtude da idade.

Atitudes preconceituosas e discriminação por idade podem somar-se a discriminação de gênero, sobretudo à mulher. Essas opiniões formadas são construídas e definidas na sociedade, demandando assim que a mulher construa sua identidade social e desconstrua significações, visualizações, mudanças de concepções nas relações de gênero, desafiando as estruturas de opressão e reivindicando sua igualdade e subjetividade.

Assim, busca-se entender como esse fenômeno complexo da sociedade contemporânea, reflete as tensões e pressões entre gerações e a forma como a sociedade moderna valoriza características associadas à juventude, como inovação, agilidade e aparência, em detrimento da experiência, da maturidade e do envelhecimento. Que reverberam para as instituições de ensino, podendo se manifestar de diversas formas, afetando tanto discentes quanto professores e demais agentes educativos, com impactos significativos na qualidade da experiência acadêmica e profissional.

A justificativa para a escolha da temática deu-se por experiências vividas e observadas pessoalmente pela pesquisadora, como também em relação a outras acadêmicas como por exemplo com termos pejorativos, durante o seu percurso acadêmico no curso de licenciatura em Letras Português e Inglês do Instituto Federal do Amapá Câmpus Macapá. A pesquisadora optou por um tema que ressoa com suas vivências e as de outras acadêmicas, isso destaca a importância de abordar questões de gênero, preconceito e linguagem no ambiente educacional, especialmente em cursos de licenciaturas, onde futuros educadores são formados.

No meio social institucional de ensino é de grande importância que se traga temáticas de grande relevância como a desta monografia devido a importância para promoção de igualdade de gênero, respeito e melhoria do ambiente social e educacional. Aqui estão alguns pontos que destacam essa significância; o impacto no meio social, mudança de Percepções Sociais, promoção da Igualdade de Gênero e Idade, desconstrução de estereótipo. Assim como âmbito acadêmico, possibilitar a continuidade a outros estudos referente ao tema, contribuindo com professores, licenciandos, bacharelados e pesquisadores que se interessem pelo assunto. A reflexão crítica sobre essas experiências pode enriquecer o debate acadêmico e contribuir

para a construção de um ambiente mais inclusivo e respeitoso e assim promover a equidade nas instituições de ensino.

Como eixo norteador para esse estudo foi elaborado a seguinte pergunta para o problema de pesquisa. Como o etarismo pode ocorrer no percurso acadêmico da mulher madura e de que forma a identidade social é constituída nos cursos de licenciatura do IFAP?

Esta pesquisa tem como objetivo geral: Analisar como o etarismo pode ocorrer no percurso acadêmico da mulher madura e de que forma a identidade social é constituída nos cursos de licenciatura do IFAP. Como objetivos específicos: Identificar se já houve situações de constrangimentos proveniente do etarismo durante seu percurso acadêmico no IFAP; Averiguar como a ocorrência do etarismo pode causar impacto na trajetória da mulher nos cursos de licenciaturas do Instituto Federal do Amapá - Câmpus Macapá; Identificar como as mulheres constituem sua identidade social no percurso acadêmico.

Na construção dessa monografia apresentamos 3 seções; na primeira parte intitulado “Etarismo” refere-se à discriminação ou preconceito direcionado a pessoa mais velha, tendo como fator a idade. aliados a julgamentos sociais e estereótipos. Busca-se entender como esse fenômeno acontece nas relações e interações sociais dentro da Instituição de Ensino;

Na segunda parte intitulado “A identidade social da mulher madura”, buscando compreender conceito e definições do termo mulher madura e a construção histórica da identidade social e sua ressignificação, sobretudo pelo resgate de sua trajetória nas lutas por direitos e, por fim, analisar o papel da mulher na sociedade do passado e na contemporaneidade;

Na terceira parte intitulada “Percurso da mulher na Educação” buscando compreender desde o período colonial onde a mulher não tinha direito a escolarização até o presente momento em que leis e políticas públicas garantem seu ingresso nas instituições de ensino em todo país.

Como procedimentos metodológicos optou-se por pesquisa biográfica de caráter descritivo, as narrativas pessoais em pesquisa científica trazem contribuições significativas para o desenvolvimento do estudo, respeita e valoriza a experiência humana. Compreende a capacidade humana de refletir sobre si e sobre suas experiências de vida, materializando acontecimentos, experiências e significações na forma de uma grafia, configurados num determinado espaço e numa sequência temporal, e possibilita que as participantes tragam informações e reflexões que, provavelmente, não aconteceriam, com o uso de questionários com perguntas fechadas e objetivas. O método biográfico busca compreender a trajetória de vida de indivíduos, capturando suas vivências, sentimentos, valores, e significados atribuídos a eventos e experiências.

A sociedade contemporânea está marcada por uma série de transformações demográficas, econômicas e culturais que têm impactado significativamente a vida das mulheres. Uma dessas transformações é o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e na educação superior. No entanto, apesar desses avanços, as mulheres ainda enfrentam uma série de desafios e barreiras que podem afetar sua trajetória acadêmica e profissional. Um desses desafios é o etarismo, que se refere à discriminação ou preconceito contra pessoas com base em sua idade.

2 O ETARISMO E IDENTIDADE DA MULHER MADURA E SUAS INTERFACES NA EDUCAÇÃO

2.1 O etarismo

Diante do atual cenário em que os instrumentos de pesquisas demográficas apontam para o alto índice do envelhecimento no Brasil, a expectativa de vida dos brasileiros aumentou, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PANAC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revela que em 2022 o total de pessoas com 65 anos ou mais no país 22.169.101 chegou a 10,9% da população com alta de 57,4% frente a 2010 quando esse contingente era de 14.081.477 ou 7,4 da população (IBGE, 2022) as expectativa de vida dos brasileiros deve alcançar o patamar de 77.1 anos em 2050.

Na Ásia, a velhice era símbolo de sabedoria, o idoso era respeitado por sua experiência, auxiliavam os mais jovens, a velhice era um privilégio de poucos, porém ao longo dos anos a velhice foi se tornando sinônimo de pobreza, inatividade e quietude, na contemporaneidade, fato comum até mesmo nos países mais subdesenvolvidos. No Brasil, os idosos têm sido encarados com maior atenção nas últimas décadas, em virtude das leis que garantem seus direitos e proteção. A principal legislação é o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003), que estabelece direitos fundamentais para pessoas idosas só as adjetivações ao sujeito deste processo passaram por reformas visando salientar de um lado positivo, por meio de expressões como “idade feliz”, “boa idade”, “melhor idade” “idade de ouro”, “feliz idade” (Alves Júnior, 2024, p. 52) entre tantas outras.

Em virtude deste fenômeno as relações sociais e culturais sofrem modificações, vindo ao debate questões relacionadas ao fator idade. No Brasil há muitos obstáculos a serem enfrentados para combater o etarismo, que é o preconceito e discriminação contra pessoas idosas. Para compreender melhor esse fenômeno, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre o tema. Robert Neil Betler, médico gerontólogo norte americano em seu livro intitulado “Why Survive? Being old in América” publicado 1975, foi o primeiro a usar o termo etarismo. O termo ageism (em inglês), em que “age” significa idade, período ou era, refere-se a discriminação ou preconceito direcionado a pessoa mais velha, tendo como fator a idade.

O etarismo pode ser devastador, resultando em exclusão social e deterioração da qualidade de vida das pessoas afetadas, além de prejudicar a coesão social e o respeito mútuo entre gerações, impactando a sociedade como um todo. Essa intolerância promove pensamentos discriminatórios em relação à idade, levando a estereótipos que associam pessoas mais velhas

a problemas de memória, imaturidade ou obsolescência e ainda visões que interdita é restringem a capacidade de pessoas pertencerem a grupos e à prática de atividades que sejam de seu interesse e desejo" (Oliveira, 2016)

Palmore (1999, p. 4) define o etarismo "[...] como qualquer prejuízo ou discriminação contra ou a favor de uma faixa etária. [...] é o tratamento negativo inapropriado de membros daquela faixa etária". O etarismo pode manifestar-se em diversas áreas da vida, nos espaços sociais onde as pessoas mais velhas têm acesso como no ambiente de trabalho, na faculdade, academia, também nos cuidados de saúde, benefícios sociais, entre outros. Ato discriminatórios podem prejudicar a autoestima e autoconfiança das pessoas maduras, assim limitar suas oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

Entre muitas mudanças no mundo globalizado é perceptível o novo perfil da mulher contemporânea que afetou a instituição familiar e vários setores da sociedade que antes eram exclusivos aos homens, inclusive no contexto educacional. Como consequência, essas mudanças trazem reflexões acerca da construção identitária da mulher, por consequência suas demandas sociais e a maneira de viver têm atingido a capacidade de entender das classes sociais e no que se refere a identidade da mulher. Mulheres da contemporaneidade da era tecnológica, nada tem a ver com as mulheres descritas no romance do Médico e escritor francês Honoré de Balzac intitulado "Mulheres de 30" no qual o autor relata que a mulher casada deixa de se pertencer, é a rainha, a escrava do lar, a imagem que o autor traz da situação de mulheres curvadas sob o peso de suas obrigações sociais. As mulheres do século XXI, entendem que esse processo que precisam passar não é patológico restrito à enfermidade, portanto, faz-se necessário mudanças urgentes no contexto social, cultural e institucional escolar.

Na sociedade contemporânea podemos citar inúmeros fatores que favorecem o etarismo em desfavor da mulher madura, podemos citar o aumento populacional, os padrões de beleza e juventude devido a influência da Internet onde Blogueiros, Coachs, tidos como influenciados apresentam nas mídias sociais exemplos de mulheres perfeitas, onde enfatizam o tipo de mulher padrão, o modo de falar, vestir, biótipo e idealização do corpo perfeito, influenciam no novo padrão da sociedade moderna, trazendo expectativas sociais. A insistência em padrões de beleza e o culto ao corpo perfeito influenciam a cultura e podem reforçar estereótipos de gênero que desvalorizam as conquistas e experiências das mulheres mais velhas. De acordo com Veríssimo (1934) em sua obra "O Evaristo" apresenta uma visão crítica sobre a sociedade brasileira da época, em relação às mulheres maduras e que alguns fatores da modernidade podem ter influenciado essas posturas, com ênfase a influência literária, o modernismo brasileiro (1920-1940) questionava-se valores tradicionais, mas também se perpetua estereótipos feminino. É

uma visão assertiva do autor que mudanças se faziam necessárias, porém na fase do modernismo muitos dos defensores buscavam mudanças, mas refletiam práticas antigas especialmente contra às mulheres, e havia divergências entre grupos de intelectuais, principalmente os conservadores da primeira geração (1922) que não queriam mudanças e repeliam os que brigavam por mudanças e direitos das mulheres na sociedade moderna.

A influência da mídia pode levar a um sentimento de invisibilidade, frequentemente glorifica a juventude, marginalizando as mulheres mais velhas, o que diminui sua visibilidade e seu valor na sociedade. Portanto, os impactos da nova cultura midiática são complexos e multifacetados, e o efeito sobre as mulheres mais velhas é uma questão que merece atenção e diálogo contínuo.

É pertinente a colocação de Veríssimo (1943) ainda em sua obra “O Evaristo” relata que a apresentação na mídia reforçava padrões de beleza juvenil a atriz Greta Garbo era sinônimo de beleza feminina, influenciado pelo cinema de Hollywood. A revista “Vogue” já era destaque na época e editavam tendências de moda e estilo de vida, época em que o movimento feminino era incipiente, mas crescente em todo o Brasil. Destaco a visão do autor sobre questões pertinentes da época que perpassam até os dias atuais o glamour da beleza feminina e o status de como ser uma mulher na sociedade contemporânea em todos os aspectos.

É essencial que se continue a promover a diversidade e a inclusão nas representações da beleza, nas mídias sociais para que todas as mulheres se sintam representadas, valorizadas e respeitadas, independentemente de sua idade ou aparência.

Outro fator que o favorece o etarismo é representação na tecnologia e inovação, muitas vezes, mulheres mais velhas são vistas como menos competentes ou atualizadas em relação a novas tecnologias, isso pode limitar suas oportunidades em áreas de inovação, onde a agilidade para aprender novas ferramentas é valorizada. Também apontar o fator familiar as mudanças nas estruturas familiares podem intensificar os efeitos do etarismo nas mulheres maduras afetando seu bem-estar emocional, físico e social.

Compartilho o pensamento de Patto (2020) em sua obra “Mulheres e Tecnologia: Desafios e Oportunidades” aborda alguns aspectos relacionados à relação entre mulheres e Tecnologia como: a exclusão digital, acesso limitado tecnologia devido a fatores socioeconômicos; sexismo, discriminação contra a mulher madura no mercado de trabalho tecnológico; violência online, assédio, cyberbullying e violência contra a mulher na Internet contribuem para o etarismo e estereótipos de que a mulher madura não domina as ferramentas digitais contribui para a exclusão digital. Em uma visão alternativa sugere-se o empoderamento

digital através da tecnologia e a inclusão no processo de desenvolvimento tecnológico garantindo que a mulher seja inserida no mercado de trabalho.

Alterações nas dinâmicas de suporte família com as mudanças nas estruturas familiares, como o aumento de famílias nucleares em vez de multigeracionais, as mulheres mais velhas podem ter menos apoio emocional e prático de seus filhos e outros familiares, isso pode resultar em maior solidão e isolamento social, são problemas exacerbados pelo etarismo. Diante das mudanças culturais e sociais que o mundo vem transcendendo, é preciso mudança de consciência para sair das amarras do passado opressor. A busca por respeito, igualdade e direitos das mulheres maduras é um ato de resistência e resistência que perpassa por décadas.

2.2 Identidade social da mulher madura

Andrade (2000, p.147) apresenta um conceito de identidade como representação do papel social do sujeito, no qual ela é compreendida como "multidimensional e sincrética, apresentando um caráter dinâmico causando dificuldade na sua delimitação". Logo, a identidade individual pode ser apreendida como processo negociável dentro de um movimento, onde se confronta as representações socialmente criadas para certos sujeitos e grupos e as representações (representações de um objeto ausente) se acionadas e executadas por eles próprios como forma de inserção naquele grupo.

[...] identidade é percebida através da representação de si mesmo, sendo sempre a representação de um objeto ausente si mesmo, sendo assim a identidade responde à pergunta: 'quem és... A identidade do eu' se dá a partir da igualdade com os outros e das diferenças em relação aos outros, incorporada por unidades simbólicas mediadas pela socialização (Habermas, 1990, p. 54).

Compreende-se, portanto, que as identidades funcionam como pontos identificadores balizados por sua capacidade de exclusão e transformação do diferente em externo ao objeto investigado, possuindo necessidade daquilo que lhe falta para que possa ser construída.

Simone de Beauvoir, filósofa existencialista e feminista, em seu livro "O Segundo Sexo" de 1961, discute o conceito de identidade feminina sob a perspectiva da teoria existencialista. Ela argumenta que a mulher historicamente foi definida em termos de sua relação com o homem e que a sociedade patriarcal limita a liberdade e autonomia das mulheres. Beauvoir (1961) critica a noção de que a mulher é o "outro" em relação ao homem e defende a ideia de que as

mulheres devem buscar a sua própria identidade e autonomia, não se definindo em relação aos homens, mas sim como seres humanos independentes e livres.

A identidade social da mulher, para Beauvoir (1961), é moldada por uma interação complexa de fatores históricos, sociais, e culturais, defende a necessidade das mulheres se empoderem, desafiando as estruturas de opressão e reivindicando sua igualdade e subjetividade. Beauvoir abordou a identidade social da mulher como um processo dinâmico de construção de significados, que requer ação coletiva e individual para transformar as relações de gênero e alcançar igualdade.

Assim sendo, pode-se dizer que tanto as RS's (Representações Sociais) quanto a identidade social do indivíduo estão intimamente ligadas às condições que este se comporta em sociedade e define as representações mediante suas experiências e trocas interacionais. São duas formas expressivas de construção da realidade, passíveis de influência e de mudanças estando, ambas, numa constante movimentação de recriação de uma mesma realidade evidenciando normas e valores que direcionam a vida (dos) indivíduo(s), os relacionando entre si e potencializando trocas de sentidos e significados no que diz respeito às suas práticas socioculturais.

Beauvoir (1961) colaborando com Hall (1999) afirmam que a identidade feminina é um conceito complexo que reflete a forma como as mulheres são socialmente construídas e definidas em uma determinada sociedade.

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (Hall, 1999, p.13).

Hall (1987, p. 13) complementa que “A identidade se torna uma ‘celebração móvel’”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Além disso, é importante destacar o conceito de identidade feminina para as filólogas feministas brasileiras Rosa Maria Rocha e Maria Luiza Coutinho, as quais defendem a ideia de que as mulheres devem ser reconhecidas em sua plenitude, com direitos, autonomia e liberdade. Elas defendem a igualdade de gênero e a valorização das experiências e conquistas das mulheres, afirmando a importância da luta pela visibilidade e empoderamento feminino. Para Rocha-Coutinho (1994) a identidade feminina não deve ser imposta ou definida por padrões patriarcais, mas sim construída de forma livre, consciente e autêntica.

As reflexões de Rocha e Coutinho (1994), sobre identidade feminina abordam a necessidade de desconstruir estereótipos de gênero e promover a igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres. Elas debatem a importância da autonomia e empoderamento feminino, incentivando as mulheres a se aceitarem como são, a se expressarem livremente e a lutar por seus direitos.

Rocha e Coutinho (1994) também destacam a diversidade de experiências e vivências das mulheres, reconhecendo que não há uma única forma de ser mulher. Elas valorizam a pluralidade de identidades e destacam a importância de criar espaços de diálogo e acolhimento para que as mulheres possam se reconhecer e se fortalecer mutuamente. Na maturidade, muitas mulheres passam por um processo de autoconhecimento, levando em conta suas experiências e reflexões sobre quem são. Isso pode incluir a reavaliação de seus valores, desejos, sonhos e realizações.

Considerando o que dizem os autores sobre a emancipação da identidade feminina se, por um lado Beauvoir defende que a identidade é constituída de forma existencialista, outrora Hall defende que essa identidade é constituída de forma social. Porém, para Rocha-Coutinho (1994) identidade feminina não pode ser definida por padrões patriarcais, mas ser construída de forma livre. A identidade feminina perpassou por épocas historicamente construídas no aspecto social, intelectual e cultural, influenciando o seu modo de agir e pensar da sociedade. Ao lembrarmos da história percebe-se que estas épocas marcaram a construção identitária da mulher, assim, em virtude das mudanças pós-modernistas e do acentuado desenvolvimento tecnológico discute-se o papel da mulher na construção da identidade contemporânea.

E como resultado da sociedade em transição a temática sobre identidade social da mulher é tão frequentemente enfatizada, tanto da mídia como das Universidades, com as mudanças culturais, sociais e econômicas, políticas, tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experienciadas em maior ou menor escala em comunidades locais específica como indica Fridman (2000, p. 11 *apud* Lopes, 2003, p.15) “Se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais algo de abrangente semelhante ocorreu nas últimas décadas e assim surgem novos estilos, costumes de vida e forma de organização social”.

Há nas práticas cotidianas que vivemos um questionamento constante do modo de viver a vida social que tem afetado a compreensão das classes sociais, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade, em resumo o que somos na vida social contemporânea é inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado que as telas dos computadores de outros meios de comunicação possibilitam tem

colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essas multiculturalidades para qual muitas vezes torcem os narizes está em nossa própria vida local.

Entre todas essas mudanças é possível destacar a mulher da contemporaneidade, a sua identidade social não é homogênea e varia de acordo com o contexto social e cultural, nos últimos anos houve um movimento crescente do empoderamento feminino que busca questionar e romper com as limitações impostas pela sociedade promovendo uma reconstrução mais igualitária e diversificada na identidade social da mulher. Já que esta não é estática e varia conforme o tempo o lugar as influências culturais, mulheres de diferentes origens étnicas, sociais e econômicas podem viver experiências e construir identidades sociais diversas.

Vivemos tempos em que a vida tradicional ou seja muitos valores éticos, ideológicos e percepção de vida social entendidos como verdades naturalizadas estão sendo profundamente questionados. Como diz Giddens (2000, p. 33 *apud* Lopes, 2003, p. 16) “nos países ocidentais não só as instituições públicas, mas também a vida cotidiana estão se libertando do domínio da tradição”, o que nos leva a possibilidade de emancipação humana dos constrangimentos do passado. Na pesquisa Universitária, da mesma forma, talvez não haja tema que esteja despertando interesse tão profundamente, de todos os aspectos nas Ciências Sociais e humanas como identidades conforme Woodward (1997 *apud* Lopes, 2003) indica esse interesse se aprende ao fato de o conceito de identidade ser um consultor central na compreensão das mudanças sociais, políticas, tecnológicas, culturais e econômicas.

Desta forma a maturidade aparece figurativamente como madureza. Fala-se ainda em idade madura, circunspeção, siso, prudência, precisão, firmeza e perfeição. Contudo, percebe-se que a idade cronológica tem um peso quando se fala de maturidade, envolvendo a perspectiva da velhice próxima, tem um outro aspecto, porém, o aspecto da experiência. Ser maduro é ser experiente ao recorrer ao dicionário, constata-se que experiente é aquela pessoa que tem experiência, que revela experiência, perito, experimentado (Dicionário Aurélio, 2024). Neste preâmbulo, se observa a complexidade de conceituar maturidade, para referir a mulher madura, assim também é difícil que as pessoas maduras se vejam com uma identidade social.

Não são crianças, não são adolescentes, não são adultos, não são velhas. Nos defrontamos, deste modo, com o não reconhecido, o não lugar, o não identificado, incorrendo no risco de ser ou não ser. O filme “Tomates Verdes Fritos”, dirigido por Jon Avnet, mostra bem o conflito vivido pelas mulheres ditas maduras, em uma cena do filme, a protagonista (Kathy Bates), uma mulher de mais de quarenta anos, expressa sua dor dizendo: - “Eu estou numa idade que estou velha demais para ser nova e nova demais para ser velha!”

Compartilho com a posição de Gusmão (2001, p. 114) ao falar sobre maturidade e velhice, quando afirma que “maturidade diz respeito a experiências vividas pelos sujeitos sociais ao longo de suas vidas, que resultam em qualidades conquistadas por suas trajetórias pessoais e coletivas”.

A maturidade envolve dimensões físicas, biológicas, socioculturais, históricas, econômicas e psicológicas. Apesar de todas essas dimensões serem inseparáveis, para maior entendimento parte-se de uma visão social para chegar ao particular, ou seja, às vivências da pessoa madura. A mulher madura situa-se no espaço do não ser, não é jovem, nem velha, não tem o frescor da juventude, já ganhou uns quilinhos; a celulite está mais evidente, as estrias, uma ruguinha aqui e acolá, fala-se em idade madura, idade da loba, quarentona, meia idade.

2.3 Percurso e direitos da mulher madura na educação

Diante de várias lutas pelo direito da escolarização da mulher a sociedade brasileira ainda resiste com suas crenças e tabus a condição da mulher de subalterna sem oportunidade de se firmar perante a sociedade, sofre com as mazelas sociais e discriminação econômica, educacional e social, fato que se perpetuou por longos anos no processo histórico educacional brasileiro, ainda no período colonial.

Com a expulsão dos padres Jesuítas em 1769 ainda no período colonial surgiram as primeiras escolas inicialmente voltadas para o público masculino acreditava-se que o homem tinha um intelecto privilegiado, portanto, poderia estudar e ocupar status na sociedade. Devido ao sistema social e as leis vigentes, onde a mulher não tinha o direito à educação, sua função era exclusiva aos cuidados da família e aos afazeres domésticos, reproduzir a religião e os bons costumes (Bastos, 2011, p. 25).

As mulheres que vinham de grupos sociais privilegiados eram prendadas com o ensino do piano, bordado, culinária e o ensino de francês. neste período predominava a dominação patriarcal, para a sociedade, a mulher tinha uma função que não poderia ultrapassar os limites do lar, muito se discursava que a mulher deveria ser mais educada do que instruída (Louro, 2006).

A posição da mulher na sociedade brasileira era sempre de inferioridade comparado ao homem, as escolas de primeiras letras surgiram em 15 de outubro de 1827 aos redores do império, havia escola celetistas para meninos e meninas, escolas de cunho religiosos, a partir de então a mulher começou a frequentar aulas de forma restrita onde lhes era ensinado ler,

escrever e contar, tinham nos currículos a disciplina educação para o lar onde desenvolviam habilidades como bordados, costuras e bons modos (Ferreira, 2005, p. 75).

A obra do escritor e poeta português Trancoso, Gonçalo, publicada em 1575 onde em um dos trechos afirmava que: “A mulher honrada sempre deve ser calada” muito lida na época pela sociedade masculina e influenciou fortemente a mentalidade dos homens, os quais determinavam a educação feminina. Mattos (1958) relata ainda, que Trancoso foi procurado por uma jovem da sociedade portuguesa que desejava muito aprender a ler e escrever.

Entretanto Trancoso enviou-lhe um abecedário moral (1585) o qual deveria decorar, pela sua importância:

[...] A – querer dizer que seja amiga de sua casa; B – bem quista da vizinhança; C – caridosa com os pobres; D – devota da virgem; E – entendida no seu ofício; F – firme na fé; G – guardadeira de sua fazenda; H – humilde a seu marido; I – inimiga de mexericos; L – lial; M- mansa; N – nobre; O – onesta; P – prudente; Q – quieta; R – regrada; S – sizuda; T – trabalhadeira; V – virtuosa; X – xá (simples); Z – zelosa da honra (Mattos, 1958, p. 91).

Para mulher o que cabia era a formação de caráter e que não deveria lhe ser repassado conhecimento, seu destino era somente o de “uma moral sólida e bons princípios”. A educação feminina era vista como um meio de preparar as mulheres para seus papéis domésticos e maternos a ênfase estava na formação do caráter, moralidade e habilidades domésticas (Louro, 2006, p. 446).

No século XIX no que diz respeito à educação da mulher brasileira a educação era objetivada para a formação do caráter e a educação do homem para o desenvolvimento do intelecto. O propósito principal da educação da mulher era, conservar a pureza, em sua conotação sexual, e assegurar um comportamento correto perante a sociedade (Bastos, 2011).

É na Lei das Escolas de Primeiras Letras, promulgada em 15 de outubro de 1827, que a preocupação com a formação docente teve pela primeira vez lugar na história do Brasil. Essa lei foi responsável por determinar que o ensino, nessas escolas, deveria ser desenvolvido pelo método mútuo, a referida lei estipulava no artigo 4º que os professores deveriam ser treinados nesse método, às próprias custas, nas capitais das respectivas províncias, portanto, está colocada aí a exigência propriamente à questão pedagógica (Saviani, 2009).

A história da entrada das mulheres na universidade remonta-se aos Estados Unidos, no ano de 1837, com a criação da universidade exclusiva para mulheres. No estado de Ohio surgiu a primeira universidade Feminina, o Women College. É na segunda metade do século que as universidades femininas se espalharam por boa parte dos Estados Unidos, porém, a maioria dos

Women College só oferecia bacharelado para mulheres, poucas ofereciam cursos de mestrado e menos ainda os cursos de doutorado (Woody, 1929)

No Brasil, o início do ensino superior feminino só começou no final do século XIX. A primeira mulher a ingressar na universidade no Brasil foi no estado da Bahia no ano de 1887, formando-se pela Universidade de Medicina. As mulheres no Brasil só foram autorizadas a frequentar o curso superior no ano de 187, quando a elas foi concedido o direito de frequentar o ensino universitário por Dom Pedro II então o Imperador do Brasil é esse fato é narrado por Blay e Conceição (1991) quando narram a história de Augusta Generosa Estrela que se formou em medicina em Nova York no ano de 1876 e retornou ao Brasil e proibida de exercer sua profissão. Com a grande expansão que ocorreu na universidade no ano de 1970, as mulheres realmente começam a fazer parte de uma forma bem expressiva no ensino universitário no Brasil e é a partir do ingresso da mulher na universidade que o ensino superior consegue se expandir no Brasil.

Neste cenário, busca-se entender como ocorreu o percurso e acesso da mulher no ensino superior, com a Revolução Industrial a mulher começa a romper as barreiras que as confinavam no lar. A Revolução fez com que a mulher conseguisse sair de casa indo trabalhar nas fábricas, que foram surgindo com o crescimento industrial. Assim, iniciava-se o seu processo de emancipação, porém, esse trabalho não oferecia uma real melhora de vida já que a mulher, exercendo a mesma função do homem em uma fábrica, ganhava bem menos (Alves; Pitanguy, 1981).

Com o passar do tempo, homens e mulheres poderiam matricular-se em classes separadas, avanço da inserção da mulher na escola e na vida pública, com a possibilidade de acesso ao mesmo currículo. Em meio à demanda por formação de professores se percebe que mais mulheres conseguiam se formar (Louro, 2006) aos poucos se dá à feminização do magistério.

Como o destino das mulheres era a maternidade, passaram a assimilar o magistério como uma extensão ou continuidade da maternidade, sendo as estudantes vistas como filhas espirituais. Esse era um trabalho aceito somente para as moças solteiras até o momento do casamento, além de ser considerado um trabalho ideal para a mulher (Louro, 2006), pois consistia em um turno apenas, sendo que no outro período ela poderia atender suas obrigações domésticas.

A incompatibilidade do casamento, da maternidade com a vida profissional feminina foi e continua sendo, uma das construções sociais mais persistentes “[...] O casamento e a

maternidade eram efetivamente constituídos como a verdadeira carreira feminina” (Louro, 2006, p. 454).

Na década de 1970 que se reverte o “hiato de gênero” na educação brasileira, segundo Beltrão e Alves (2009). De acordo com Rosemberg (2001), nesta década, as mulheres entraram em massa nos cursos superiores, porém nos campos femininos. A partir do final da década de 1990 as mulheres passaram a ser maioria nas matrículas e conclusões em todos os níveis de escolaridade, incluindo o superior. Entretanto, esta conquista não está em consonância com o princípio de igualdade, tendo em vista que as mulheres continuam sub-representadas nos cursos das Ciências Exatas, Naturais, Tecnologia e Engenharias. Isso reflete uma persistente desigualdade de gênero no acesso a áreas do conhecimento que são fundamentais para o desenvolvimento científico e tecnológico. Além disso, essa sub-representação pode ter implicações significativas nas oportunidades de carreira e nos salários das mulheres, perpetuando a desigualdade de gênero no mercado de trabalho.”

Logo, com o aumento da expectativa de vida no Brasil as mulheres almejam a inserção profissional, inclusive buscando as Instituições educacionais públicas em todo país. Para ingressar na graduação a mulher madura tem a oportunidade através no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), também as universidades ofertam vagas para a terceira idade e bolsas de estudos pelo Programa Universidade para Todos (ProUni) importante porta para o ingresso nas instituições de nível superior, assim, realizarem seus objetivos e metas. (MEC, 2024).

Atualmente as instituições de ensino superior em todo o Brasil têm se esforçado para promover ambientes mais inclusivos e acolhedores com apoio de políticas públicas e iniciativas que incentivam a educação de mulheres em diferentes fases da vida, assim, facilitando a participação de mulheres maduras nas Instituições de ensino. A representatividade das mulheres maduras é bastante expressiva nas universidades, na busca por autonomia e desenvolvimento pessoal, muitas mulheres decidem retornar ao estudo na busca de novas oportunidades, adquirir conhecimento com a graduação ou formação continuada, atualizando-se para as novas demandas do mercado.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização da pesquisa

Para este estudo, optou-se por pesquisa biográfica de caráter descritivo, qualitativo, as narrativas pessoais em pesquisa científica trazem contribuições significativas para o desenvolvimento do estudo, respeita e valoriza a experiência humana. Nesse sentido, Jovchelovitch e Bauer (2014, p. 91) complementam que, através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social.

Pesquisa narrativa, segundo Lieblich, Tuval-Mashiach e Zilber (1998, p. 2), é “qualquer estudo que use ou análise materiais narrativos” e, para Clandinin e Connelly (2000, p. 20), “uma forma de entender a experiência”, que eles entendem como colaboração entre pesquisador e pesquisado.

3.2 Lócus

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá- Câmpus Macapá.
Rodovia BR 210, KL 3, Bairro, Brasil Novo.

3.3 Participantes e critérios de seleção

As participantes foram duas discentes dos cursos de licenciaturas em Letras e Química do Instituto Federal do Amapá, Câmpus Macapá.

Critérios de seleção.

- 1) Discentes regularmente matriculadas nos cursos de licenciaturas do Instituto Federal do Amapá - Câmpus Macapá.
- 2) Discentes com idade entre 35 e 60 anos.

3.4 Instrumentos para coleta de dados e análises dos dados

O instrumento para a coleta de dados será escritas autobiográficas das discentes do IFAP. Para o direcionamento das escritas será efetuado três perguntas abertas “Você já

vivenciou situações etaristas ou já ouviu termos pejorativos em decorrência da idade relacionadas a si ou a outras colegas do IFAP?”, “Você acha que o preconceito em relação a sua idade impactou em sua trajetória acadêmica? Por quê? Como você compreende a sua identidade social, como mulher, construída e desconstruída na trajetória acadêmica? nas quais as discentes pesquisadas poderão relatar as suas experiências no percurso acadêmico.

As autobiografias serão realizadas via Epp Dox Word. Docx é um arquivo de documentos, que contém texto formatado, imagens e outros elementos gráficos, criado pela Microsoft word, onde será disponibilizado o link pela pesquisadora. Os objetivos da pesquisa foram claramente comunicados aos informantes, que consentiram formalmente em participar. A coleta de dados incluiu os aspectos éticos incluíram a obtenção do consentimento informado, garantindo que os participantes compreendessem os objetivos da pesquisa e que a participação fosse voluntária. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Para a coleta dados como procedimentos serão analisados e compilados os segmentos que emergirem nas narrativas das discentes para análise categorial. De acordo com Lieblich, Tuval-Mashiach e Zilber (1998) a pesquisa categorial com foco no conteúdo utiliza excertos, o pesquisador concentra em alguns temas ou categorias. Para discussão dos dados as acadêmicas participantes terão seus dados e identificação protegidos, assim, serão referidas como Mayla acadêmica de licenciatura em Letras 35 anos e Dayse acadêmica de licenciatura em Química 40 anos.

Os objetivos da pesquisa foram claramente comunicados aos informantes, que consentiram formalmente em participar. A coleta de dados incluiu os aspectos éticos incluíram a obtenção do consentimento informado, garantindo que as participantes compreendessem os objetivos da pesquisa e que a participação fosse voluntária. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Etarismo no percurso acadêmico

Para discussão e análise das escritas autobiográficas as discentes terão suas identificações protegidas, assim, serão referidas como Mayla (35 anos) acadêmica do curso de licenciatura em Letras e Dayse (40 anos) acadêmica do curso de licenciatura em Química. Nesta pesquisa buscou-se investigar e responder como o etarismo pode ocorrer no percurso acadêmico da mulher madura e de que forma a identidade social é constituída nos cursos de licenciatura do IFAP. Na autobiografia das discentes, destacam-se diferentes pontos de vista das participantes, a partir de suas vivências e trajetórias no decorrer de seus percursos cursos.

No relato da participante Mayla acadêmica do 8º semestre do curso de licenciatura em Letras que por muitas vezes presenciou o etarismo em desfavor de suas colegas com mais idade, o etarismo ainda se faz presente nos grupos sociais formados na turma de licenciatura em letras, como pode ser observado no trecho a seguir:

Uma dessas situações ocorreu em sala de aula, quando uma colega usou um termo pejorativo para se referir a outra, chamando-a de "velha" [...] apesar de ter sorrido no momento de brincadeira, sua expressão demonstrava desconforto. Essa situação, aparentemente trivial, carrega um preconceito implícito, que muitas vezes é mascarado como humor (Mayla, 2025).

No relato da participante Mayla, é perceptível que o etarismo ainda se faz presente nos grupos sociais, no linguajar pejorativo, mesmo quando disfarçado de brincadeira, pode ser uma forma de preconceito e discriminação. A situação em que uma colega é chamada de "velha" de forma depreciativa, é um exemplo de como o humor pode ser usado para mascarar atitudes preconceituosas, perpetuar estereótipos e desigualdade em desfavor mulheres maduras licenciandas.

Reafirmando a definição de Palmore (1999, p. 4) "[...] Como qualquer prejuízo ou discriminação contra ou a favor de uma faixa etária. [...] é o tratamento negativo inapropriado de membros daquela faixa etária”.

Em um outro trecho Mayla apresenta um outro argumento que envolve um desentendimento em sua turma evidenciando como a experiência e a idade podem ser utilizadas para julgar as pessoas, especialmente em situações de conflito, como descrito a seguir:

[...] Testemunhei um caso mais grave envolvendo outra colega em uma aula de uma disciplina específica, onde a idade pareceu ser um fator determinante em uma discussão na turma. Durante o momento, notei que muitos alunos mais jovens se posicionaram contra ela. Pude ouvir um comentário que dizia: "Como ela é a mais experiente, deveria saber conversar". Essa frase, embora possa parecer algo simples, revela um julgamento baseado na idade, sugerindo que a experiência dela deveria impedir conflitos, como se isso a colocasse em uma posição de responsabilidade superior (Mayla, 2025).

Assim é possível perceber que a expectativa dos alunos em relação a colega de turma, apontando que alguém com mais idade, deveria saber lidar com as adversidades de forma mais eficaz, pode ser injusta e baseada em preconceitos. Essa expectativa dos alunos da turma revelam uma visão simplista e equivocada sobre as pessoas com mais idade. A maturidade pode trazer sabedoria e habilidades, mas não a torna imune a erros, além disso, a idade não é sinônimo de sabedoria ou maturidade, cada pessoa tem sua própria história, personalidade e estilo de comunicação, que não podem ser reduzidos a simples julgamentos baseados na idade, expectativas que podem levar a uma carga adicional de responsabilidade sobre as pessoas mais idade, como se elas fossem responsáveis por resolver todos os problemas, isso pode ser esgotador e injusto, pois não leva em conta as limitações e fraquezas humanas.

É pertinente o que diz Butler (1969) [...] Comportamentos discriminatório no que diz respeito a diversos tipos de linguagem no uso de expressões de duplo sentido para se referir a realidade onde acredita-se que não é mais papel da pessoa mais velha na sociedade, tendo como consequência a exclusão. Como evidenciado a seguir:

[...] Ouvia termos pejorativos direcionados a mim e a outras colegas de turma, como já passou do tempo, arcaicas, velhas, meninas, quando emitimos opiniões e recebíamos respostas irônicas e debochadas, eu respondia de forma ácida (Deyse, 2025).

Em seu relato a participante Dayse acadêmica do 8º semestre de licenciatura em Química demonstrou reações aos termos pejorativos, reação áspera (ácida) também poderá ser vista como uma pessoa difícil de lidar, interagir e socializar. Dessa forma, a reação áspera da participante pode ser vista como uma forma contra a opressão e o preconceito, demonstrando que a acadêmica não estava disposta a aceitar ou tolerar linguagem ofensivas. Neste sentido sua reação pode ser considerada como uma forma de firmeza de não se deixar intimidar. É notório que na narrativa da discente o preconceito sempre se faz presente em sua turma onde predominava os termos pejorativos citados, avaliações negativas condizentes com o que sinaliza Butler (1969, p. 121) [...] avaliações negativas, aplicações de estereótipos e comportamentos discriminatórios na pessoa mais velha [...].

Tal assertiva nos confirma as definições de Butler (1985) de que o etarismo é a discriminação ou preconceito direcionado a pessoa mais velha tendo como fator idade, assim, como na definição de Palmore (1999) a qual aponta o etarismo como uma forma de discriminação, um tratamento impróprio, negativo, contra uma faixa etária. Fato esse que se confirma nos relatos das participantes da pesquisa.

Os estereótipos desempenham um papel fundamental na manutenção de hierarquias sociais, permitindo que os indivíduos sejam classificados e julgados com base em características predefinidas. Essa classificação pode levar à desvalorização e exclusão de certos grupos, enquanto outros são valorizados e considerados superiores.

A hierarquização social é um processo complexo que envolve a criação de distinções entre os grupos, com base em características como raça, gênero, idade, religião, entre outras. Os estereótipos são ferramentas importantes nesse processo, pois permitem que os indivíduos sejam rapidamente classificados e julgados com base em características predefinidas. No entanto, essa classificação pode trazer consequências negativas para os grupos que são desvalorizados e excluídos.

É notório que o etarismo e a exclusão são fenômenos que afetam mulheres nos cursos de licenciaturas devido ao gênero e idade é uma forma de discriminação que afeta indivíduos com base em sua idade. No contexto das licenciaturas, o etarismo pode ser especialmente prejudicial para as mulheres maduras que decidem retornar aos estudos. Essas mulheres enfrentam desafios significativos em turmas de alunos mais jovens, onde são frequentemente alvo de termos pejorativos e estereótipos.

A combinação do gênero e da idade torna as mulheres maduras estudantes de licenciaturas especialmente vulneráveis ao etarismo. Elas são frequentemente vistas como "velhas" ou "deslocadas" em relação aos seus colegas mais jovens. Essa percepção pode levar à falta de respeito e consideração, tornando difícil para as mulheres maduras se integrarem e se sentirem incluídas nas turmas.

Em adição disso, o etarismo pode afetar negativamente a autoestima e a confiança das mulheres maduras estudantes de licenciaturas. A constante exposição a termos pejorativos e estereótipos pode levar a uma sensação de inadequação e insegurança, tornando difícil para elas se concentrarem nos estudos e alcançarem seus objetivos.

4.2 Identidade social da mulher madura discentes do IFAP

Dando sequência às análises foi questionado às participantes da pesquisa, com era compreendida a identidade social como mulher, construída ou desconstruída na trajetória acadêmica, e se obtém as seguintes respostas:

[...] tinha consciência de que ambiente acadêmico não é para pessoas fora da faixa etária “ideal” e muito mais para mulheres, com isso em mente fui fortalecida tive um pouco de sorte também minha turma majoritariamente tem mulheres mais velhas, acredito que isso influenciou bastante em como a turma se portou sobre nós e, além disso tenho uma personalidade ácida, em momentos que alguém fazia “alguma brincadeira” sobre as “senhoras da sala” ou quando emitimos uma opinião e recebíamos alguma resposta irônica e debochada, eu, particularmente, respondia de forma ácida também” (Dayse, 2025).

A discente diz que o ambiente acadêmico não era lugar “ideal” para pessoas com mais idade e o trecho “muito mais para mulheres” evidencia o acréscimo da exclusão social, pelo fato de ser mulher. Assim, já houve uma preparação prévia sobre o ambiente acadêmico, que poderia ser um lugar hostil para mulheres que não concluíram a graduação na idade regular, indicando que a sociedade impõe normas e regras relacionadas a idade e podem influenciar a forma de como as pessoas são percebidas e tratadas.

No trecho “tive um pouco de sorte também minha turma majoritariamente tem mulheres mais velhas”, revela o quanto as mulheres se fortalecem pelo fato de estarem juntas, enfrentando desafios significativos ao buscar uma graduação em uma idade considerada não “ideal” e, que para ingressar no ensino superior, no mercado de trabalho e na sociedade, precisam desconstruir-se para caber em um lugar em que a mesma achava que não era seu, confirmando o que defende Hall (1999) que a identidade da mulher é constituída de forma social.

Outro trecho da fala de Dayse (2025) o interessante é quando ela faz menção a personalidade ácida para os enfrentamentos das brincadeiras, respostas irônicas e debochadas, demonstrando que o enfrentamento é um exercício constante a se fazer, uma forma de luta pelo respeito.

Beauvoir (1961) abordou a identidade social da mulher como o processo dinâmico de construção e desconstrução de significado que requer ação coletiva e individual para transformar relação de gênero e alcançar a igualdade.

A menção de Dayse à personalidade ácida como uma estratégia para enfrentar as brincadeiras e respostas irônicas e debochadas é particularmente interessante. Isso sugere que, para ela, o enfrentamento não é apenas uma reação impulsiva, mas sim um exercício constante

e deliberado de autoafirmação e luta pelo respeito. Ao adotar uma personalidade ácida, Dayse demonstra capacidade de adapta-se e reagir às situações desafiadoras, mantendo sua integridade e autoestima.

No entanto essa abordagem também destaca a importância da resiliência e da capacidade de lidar com críticas e desafios, habilidades essenciais para o sucesso em diversas áreas da vida. Haja visto que a mulher madura que decide ingressar na faculdade após uma longa jornada de desafios e obstáculos enfrenta um processo de reconstrução de sua identidade social. A sociedade frequentemente impõe expectativas e estereótipos sobre a idade ideal para concluir os estudos, e as mulheres que não se encaixam nesse padrão podem se sentir excluídas e desvalorizadas.

Além disso, ao ingressar na faculdade, essas mulheres maduras têm a oportunidade de se reconstruir e se redefinir. Elas se unem a outras mulheres que compartilham experiências semelhantes e juntas, elas se fortalecem e se apoiam mutuamente. Essa união é fundamental para a construção de uma identidade social positiva e empoderada.

Dessa forma a instituição de ensino se torna um espaço de liberdade e autonomia para essas mulheres, onde elas podem explorar seus interesses e paixões sem julgamentos ou preconceitos. A faculdade se transforma em um ambiente de crescimento e desenvolvimento, onde as mulheres maduras podem se reconstruir e se redefinir como indivíduos capazes e competentes.

Assim sendo, a experiência acadêmica permite que essas mulheres desenvolvam habilidades e competências que as habilitam a competir no mercado de trabalho e a assumir papéis de liderança em suas comunidades. A educação se torna um instrumento de empoderamento e libertação, permitindo que as mulheres maduras sejam protagonistas de suas próprias histórias.

Dando sequência a participante Mayla responde que:

Compreendo minha identidade social como algo em constante transformação, moldado pelas vivências e desafios que enfrentei ao longo do percurso acadêmico [...] A cada etapa da minha trajetória, desconstruí ideias pré-concebidas que carregava, muitas vezes influenciadas por expectativas sociais que tentavam limitar meu potencial (Mayla, 2025).

[...]Durante minha trajetória, aprendi que minha experiência e maturidade são grandes aliados. Ser uma mulher madura neste espaço me ensinou a reconhecer minha força e capacidade de adaptação, mesmo em meio a um ambiente muitas vezes dominado por pessoas mais jovens e, em algumas ocasiões, por preconceitos velados. Cada interação e desafio ajudaram a reafirmar minha autonomia, ampliando minha visão de mundo e reforçando minha luta por um espaço que valorize a diversidade e a inclusão. Essa jornada me mostrou que minha identidade é uma soma de quem sou, do que vantagens

do que ainda desejo conquistar, sendo a educação um dos pilares fundamentais nesse processo (Mayla, 2025).

É notório no relato de Mayla que a identidade da mulher é um constructo, influenciado por forças sociais, culturais e acadêmicas, que desempenham um papel crucial na transformação identitária da mulher. É notório nas escritas biográficas que a participante vem se constituindo em cada etapa de sua trajetória enquanto mulher e se libertando das expectativas sociais, valores externos que podem limitar suas capacidades e potencial.

Tal assertiva dialoga com a discussão de Beauvoir (1961) a identidade feminina moldada por uma interação complexa de fatores sociais, culturais e históricos, como um processo dinâmico em construção e desconstrução de significados, que requer ação coletiva e individual para transformar relação de gênero e alcançar a igualdade.

Indo ao encontro de Beauvoir (1969) e Hall (1999) quando afirmam que a identidade feminina é um conceito complexo e reflete a forma de como as mulheres são socialmente construídas e definidas de uma determinada sociedade.

Mayla também descreve que em um ambiente predominante por jovens, a maturidade pode ser tornar uma fonte de força e vantagens para superar os preconceitos por idade, no aspecto pedagógico podem ajudar os mais jovens com suas experiências e vivências, enriquecendo as discussões cotidianas sobre vários aspectos e assuntos abordados nas literaturas específicas de cada disciplina no percurso acadêmico. A discente acredita na educação como ferramenta de transformação social ao oferecer instrumentos necessários para refletir sobre as estruturas sociais que muitas vezes limitam a expressão da diversidade. Este trecho oferece uma visão inspiradora sobre o papel da maturidade, na educação, e da interação intergeracional, na promoção da transformação social e na superação dos preconceitos. É uma perspectiva que nos convida a refletir sobre a importância da experiência, da sabedoria e da educação em nossas vidas e em nossas sociedades.

Além disso, dar ênfase sobre a importância da educação como ferramenta de transformação social é particularmente relevante. É uma perspectiva poderosa e necessária na atualidade, assim sendo, é primordial que haja uma cultura de igualdade, justiça e respeito permitido que as mulheres maduras desenvolvam uma identidade forte e confiante.

Indo ao encontro de Beauvoir (1969) e Hall (1999) quando afirmam que a identidade feminina é um conceito complexo e reflete a forma de como as mulheres são socialmente construídas e definidas de uma determinada sociedade.

[...] É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidade diferente e diferentes momentos identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções de tal modo que nossa identidade está sendo continuamente deslocadas (Hall, 1999, p. 13).

Os relatos autobiográficos das discentes de licenciaturas do IFAP, campus Macapá, revelam que os fatos de preconceito ocorrem em contextos variados. Em particular, os relatos das participantes Mayla e Dayse destacam a presença de preconceitos e discriminação.

Um exemplo notório é o relato da participante Dayse, que foi alvo de termos pejorativos devido à sua idade, sendo considerada uma mulher madura. Essa experiência ilustra como o etarismo pode impactar negativamente a vida das discentes.

Em todos os relatos, é evidente a presença do preconceito, discriminação e estereótipos. Isso deixa claro que a presença do etarismo tem um impacto significativo no modo de agir das discentes, afetando sua autoestima, confiança e capacidade de aprender.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar como pode ocorrer o etarismo no percurso acadêmico da mulher madura no Instituto Federal do Amapá (IFAP). A escolha deste tema se justifica por experiências vividas e observadas pela pesquisadora também em relação a outras acadêmicas como por exemplo com termos pejorativos. A contextualização da pesquisa deu-se no âmbito do IFAP, instituição de ensino superior que oferece cursos de licenciaturas. A pesquisa buscou compreender como as discentes de licenciaturas, mulheres maduras, enfrentam o etarismo e como suas identidades sociais são construídas em seus percursos acadêmicos.

A metodologia utilizada foi a escrita biográfica, que permitiu a coleta de dados através de narrativas das discentes. Essa abordagem permitiu uma compreensão mais profunda das experiências e percepções das mulheres maduras em relação ao etarismo, pois elas podem compartilhar suas histórias e sentimentos de forma mais detalhada e pessoal.

Os resultados da pesquisa revelaram achados positivos para o etarismo, demonstrando que as discentes de licenciaturas enfrentam etarismo e termos pejorativos em seu percurso acadêmico. Ao longo da pesquisa, foi possível identificar como o etarismo pode afetar a experiência educacional da mulher, especialmente aquelas que estão fora do padrão etário considerado "normal" para a educação formal, assim como suas identidades sociais construídas e desconstruídas no percurso acadêmico influenciados por fatores culturais e sociais.

No entanto, a pesquisa também revelou que essas mulheres desenvolvem estratégias de resistência e resiliência para superar esses obstáculos e construir uma identidade social que lhes permita se sentir incluídas e valorizadas no ambiente acadêmico. Isso sugere que, apesar do etarismo, as mulheres maduras têm a capacidade de transformar suas experiências e criar novas oportunidades para si mesmas.

Esses achados têm implicações importantes para as políticas educacionais e para as práticas pedagógicas, destacando a necessidade de criar ambientes acadêmicos mais inclusivos e respeitosos com a diversidade. Além disso, a pesquisa sugere que as mulheres maduras têm muito a contribuir para o ambiente acadêmico, trazendo experiências e perspectivas únicas que podem enriquecer o debate e a aprendizagem.

O propósito deste estudo foi contribuir para uma melhor compreensão do etarismo e suas implicações na educação. Além disso, o estudo buscou destacar a importância de se valorizar a diversidade e a inclusão.

A experiência como acadêmica e pesquisadora, permitiu-me vislumbrar o impacto positivo que um professor pode ter na vida dos alunos. A Licenciatura representa oportunidade única de combinar conhecimento teórico e prático para moldar mentes curiosas e críticas, e assim contribuir para a formação de cidadãos conscientes, capazes de questionar e transformar o mundo.

A intenção deste estudo não é a feminização do magistério e sim constatar os fenômenos comprovando junto a justificativa da pesquisadora sobre enfrentamentos pessoais observados em relação a si e a outras colegas no percurso acadêmico. O etarismo pode estar acontecendo com as bacharelas mulheres maduras discentes do IFAP, porém para que se comprove este fenômeno, estudos terão que ser realizados.

Por fim, espera-se que futuras pesquisas sejam realizadas para investigar mais a fundo as causas e consequências do etarismo em ambientes acadêmicos. Propõe-se a instituição de ensino superior que realize intervenções e estratégias eficazes para combater o etarismo na educação, incluindo a formação de professores, revisão de currículos e literaturas que trazem o tema etarismo para o debate da comunidade acadêmica a criação de ambientes de aprendizado inclusivos. Assim como criação de programas e políticas que promovam a inclusão e a diversidade na educação.

REFERÊNCIAS

- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- BASTOS, L. C. **Traçando metas, vencendo desafios**: experiências escolares de mulheres egressas da EJA. UFMG. Belo Horizonte: [s.n.], 2011.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1949.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1990.
- BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009.
- BLAY, E. A.; CONCEIÇÃO, R. R. A da mulher como um tema nas disciplinas da USP. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 76, p. 55-56, fev. 1991.
- BUTLER, N. R. Age-ism: Another form of bigotry. **The Gerontologist**, Oxford-Reino Unido, n. 9, p. 243-246, 1969.
- BUTLER, N. R. **Why Survive**: Being old in América. São Paulo: Ed. Harper Collins, 1985.
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências**. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 23 jan. 2025.
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Estatuto do Idoso**. Brasília-DF, 3 out. 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação 2024**. Brasília: MEC, 2024.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Narrative inquiry**: experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2024.
- FERREIRA, M. J. D. R. Por que é tão difícil frequentar a escola? Escolarização e gênero feminino no EMJAT/CEFET. *In*: Reunião da ANPEd, 31., 2008, Caxambu-MG. **Anais [...]** Caxambu-MG, 2008.
- GUSMÃO, N. M. A maturidade e a velhice: um olhar antropológico. *In*: NERI, A. L. (Org.) **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papyrus, 2001. p. 113-139.
- HABERMAS, J. **Para a Reconstrução do Materialismo Histórico**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HALLS, S. **Identity**: The real me. ICA Document. Londres: Institute for Contemporary Arts; Rio de Janeiro: DP & A, 1987.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Estimativas de População**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/estimapop/tabelas>. Acesso em: 6 jun. 2024.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). Tradução de Pedrinho Guareschi. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.

LIEBLICH, A.; TUVAL-MASHIACH, R.; ZILBER, T. **Narrative research**: reading, analysis, and interpretation. Thousand Oaks: Sage, 1998.

LOPES, L. P. M. (Org.). **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

LOPES, L. P. M. **Identidade Fragmentadas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. *In*: PRIORE, M. D. **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOS, L. A. **Primórdios da educação no Brasil**: o período heróico (1549-1570). Rio de Janeiro: Aurora, 1958.

OLIVEIRA, L. L. *et al.* A presença do idoso no ensino superior brasileiro e os rumos dos modelos de ensino-aprendizagem. **Revista Perspectivas do Desenvolvimento**, Brasília, v. 4, n. 5, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/perspectivasdodesenvolvimento/article/view/1884Z>. Acesso em: 20 abr. 2024.

PALMORE, E. **Ageism is negative and positive**. 2. ed. New York: Springer Publishing Company, 1999.

PATTO, M. H. S. **Mulheres e Tecnologia**: desafios e oportunidades. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020.

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Tecendo por trás dos panos**. A mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROSEMBERG, F. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. **Revista Estudos Feministas**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 515-540, jul./dez. 2001.

SAVIANI, D. Formação de Professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

VERÍSSIMO, É. **O Evaristo**. Porto Alegre: Livraria Globo, 1934.

WOODY, T. **A history of women's education in the United States**. New York, Lacarte: Science Press, 1929.